

# TERRACOTA

Sara Belo, 2024

Texto da exposição *TERRACOTA*, Biblioteca Municipal Camões, 2024.

As obras desta instalação brotam de um diálogo entre a escultura e a linguagem do desenho na sua forma mais pura, evocando pontos, linhas e planos que remetem para o nascimento das formas. A singularidade de cada uma das peças evidencia-se, mas afirma-se no seio de um complexo jogo de relações com as restantes, levando-nos a suspeitar que cada uma das peças de terracota cuidadosamente dispostas na parede brotou de um par de mãos incansável e de um olhar inquieto que relançam o jogo da criação a cada nova péla de barro, a cada nova reconfiguração do conjunto. É certo que as terracotas já foram cozidas e estão perfeitamente quietas, penduradas na parede, mas a sua suspensão silenciosa é animada por um potencial de reposicionamentos que nos exorta a dar continuidade aos gestos da artista. Então, percorremos o espaço com os nossos passos, com o nosso olhar, e o apelo das formas que contemplamos começa a requerer de nós um recuo considerável para aquém do rumor dos discursos que habitualmente pululam na nossa mente, exigindo uma afinação da nossa atenção e da nossa sensibilidade aos detalhes subtis através dos quais a materialidade muda e misteriosa destas formas nos envolve e nos interpela.

Em primeiro lugar, impõe-se a constatação de que estamos diante de uma exposição nascida sob o signo de uma cor. Trata-se de um conjunto de terracotas, um barro avermelhado cozido,

mas não vidrado, que nos apresenta uma cor arquetípica – aquela mesma que visualizamos na nossa mente quando pensamos em barro. Cruas, as pastas de argila que se prestam à modelação apresentam uma vasta gama de cores, como revelam os conjuntos de desenhos com barro apresentados por Marta Castelo em exposições anteriores. Todavia, o processo de cozedura reduz consideravelmente essa diversidade cromática, acrescentando-se ao avermelhado da terracota algumas cerâmicas brancas, castanhas e negras, e pouco mais. Essa redução da variedade cromática das argilas por efeito do fogo é, contudo, mitigada pela possibilidade de jogar com a variação da temperatura da cozedura, o que pode proporcionar, no caso particular da terracota, uma paleta que vai desde o rosa suave, passando pelo laranja quente, até alcançar o vermelho intenso. Quanto mais baixa for a temperatura, mais alaranjada e opaca a cerâmica resultará, apresentando um aspecto mais terroso, baço e poroso. Em contrapartida, as temperaturas mais elevadas produzem um vermelho vivo, com um aspecto quase vitrificado que reflete a luz. Ao elaborar o conjunto de peças que compõem esta instalação, Marta Castelo escolheu trabalhar com temperaturas mais baixas, e portanto mais próximas dos fornos primitivos onde há milhares de anos atrás endureceram e se eternizaram as primeiras peças de cerâmica de que temos conhecimento e a que vulgarmente chamamos, precisamente, terracotas. Essa opção prende-se, segundo a artista, com uma forte necessidade de respeitar a natureza do barro, num esforço por operar a metamorfose da argila em cerâmica interferindo o mínimo indispensável no material bruto, de forma a conseguir uma cor o mais próxima possível da terra – próximas da terra, do solo, da base, as terracotas estão despidas, nuas, sem vidrado, sem camadas. As terracotas suspensas na parede resultam, assim, de uma busca por um conjunto de formas que pareçam transcender a passagem do tempo, evocando uma qualidade eterna ou atemporal do barro, que remete à sua essência mais elementar.

Esta preocupação com a essência do barro também pode ser descrita como uma busca pelo que há de mais primitivo ou arcaico na manipulação deste material. É significativo, pois, que as peças produzidas para esta instalação resultem da aplicação de princípios básicos da modelação do barro, como é exemplo paradigmático o recurso à técnica da construção com rolos, conhecida como técnica dos rolinhos. Marta Castelo, propõe, então, uma analogia entre o rolo de barro e a linha do desenho, através da qual o desenho e a modelação são colocados no mesmo nível, como elementos elementares e imediatos da exploração criativa. Então, vale a pena notar que a palavra terracota, além de remeter para os primeiros objectos de cerâmica produzidos pelas civilizações do passado, designando o barro cozido mas não vidrado, também é empregue para designar os esboços produzidos nas fases iniciais de alguns processos criativos em escultura, num claro paralelismo com a vocação exploratória e fluída do desenho. Todavia, se o desenho já foi, no passado, considerado uma disciplina subserviente às outras artes, há muito que a sua autonomia foi reclamada e afirmada, apresentando-se como um médium através do qual se manifesta de um modo mais pungente, precisamente, a vocação inaugural da arte – esse impulso de dar forma, de materializar uma visão ou uma ideia. Aproximando-se tanto quanto possível desse âmago da criação, dessa nascente das formas, Marta Castelo desenha com o barro, e as peças de terracota modeladas e cozidas são suspensas na parede. Olhamos em volta, pressentindo que a monocromia arcaica deste desenho silencioso é o ponto de partida para o desenrolar de um jogo da criação que nos atravessa e nos anima desde tempos imemoriais